



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Ciências da Educação
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA



RAMADAN PEREIRA ESPINDOLA

O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR COMO MEDIADOR DA LEITURA

Florianópolis, 2011

RAMADAN PEREIRA ESPINDOLA

O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR COMO MEDIADOR DA LEITURA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia do Centro de Ciências
da Educação, da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do título para Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Profa. Dra. Clarice
Fortkamp Caldin

Florianópolis, 2011

E77b Espindola, Ramadan Pereira

O bibliotecário escolar como mediador da leitura / Ramadan Pereira
Espindola – 2011.

43 f.

Orientadora: Profª. Dra. Clarice Fortkamp Caldin

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) –
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Ciências da Educação,
Florianópolis, 2010.

1. Bibliotecário escolar. 2. Biblioteca escolar. 3. Leitura na escola.

CDU: 028.5

Ficha catalográfica elaborada pelo graduando em Biblioteconomia/USC - Ramadan Pereira Espindola.

Esta obra é licenciada por uma licença Creative Commons de atribuição, de uso não comercial e de compartilhamento pela mesma licença 2.5



Você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra;
- criar obras derivadas.

Sob as seguintes condições:

- Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original.
- Uso não-comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.
- Compartilhamento pela mesma licença. Se você alterar, transformar ou criar outra obra com base nesta, somente poderá distribuir a obra resultante com uma licença idêntica a esta.

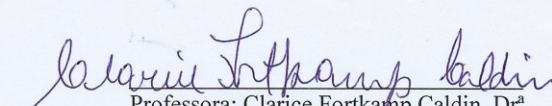
FOLHA DE APROVAÇÃO

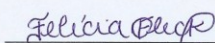
Acadêmico: Ramadan Pereira Espindola

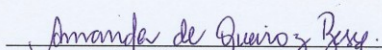
Título: O bibliotecário escolar como mediador da leitura

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Biblioteconomia do Centro de Ciências
da Educação, da Universidade Federal de
Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do título para Bacharel em
Biblioteconomia, aprovado com a
nota 10,0.

Florianópolis, 7 de julho de 2011.


Professora: Clarice Fortkamp Caldin, Dr.^a.
Universidade Federal de Santa Catarina
Professora orientadora


Felícia de Oliveira Fleck, Mestre


Amanda de Queiroz Bessa, Especialista

Dedico esse trabalho aos meus parentes, amigos, professores do curso de Biblioteconomia que contribuíram para meu estudo, e, principalmente, ao meu Blog, Biblioram, aos meus pais, à minha esposa Kheila e à minha orientadora Clarice Fortkamp Caldin.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais pela minha formação.

Agradeço à minha esposa Kheila por ter me incentivado a estudar.

Agradeço à minha orientadora Clarice Fortkamp Caldin por otimizar minha escrita.

Agradeço à Cascatinha Comércio e Representações Ltda., novamente pela oportunidade de trabalho.

Agradeço à minha motocicleta por ter me conduzido todos os dias à faculdade.

Agradeço ao professor Angel Godoy pelas preocupantes, mas, excelentes e interessantes aulas de Html. Como isso mudou minha vida!

Agradeço à Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina e seus profissionais pela enorme atenção, carinho, simpatia, tolerância, e por terem me recebido durante o período de estágio obrigatório. Foi muito importante para minha formação. Aprendi muito com eles.

Agradeço à minha falecida cachorrinha Bebel, que me fez entender como os cães podem, algumas vezes, ensinar as pessoas.

Agradeço ao técnico de Futebol, Márcio Goiano. Por causa dele o Figueirense está na série de A novamente.

Agradeço à Maria Lúcia Curvel pela tradução do resumo.

Agradeço ao Biblioram, por ter sobrevivido, pelos elogios recebidos, pelo alívio nos momentos de estresse, por ter me incentivado a escrever e a vencer o medo.

Agradeço ao Greg Félix Mariano e Jaime José dos Santos nos trabalhos em grupos, pela enorme amizade, e por terem colaborado no meu blog.

Agradeço ao TEMPO, que não poderia faltar.

Enfim, agradeço à minha paciência e persistência ao longo do curso.

“Eu parecia a mãe e ele o filho, mas o filho corrigia com frequência minha pronúncia [...] quando eu era pequena ele sempre lia para mim [...] agora eu leio para ele”.

(FADIMAN, 2002).

ESPINDOLA, Ramadan Pereira. **O bibliotecário escolar como mediador da Leitura**. 2011. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RESUMO

O presente trabalho se configura como uma pesquisa bibliográfica que aborda os benefícios da leitura, a importância da leitura na escola, a importância da biblioteca na escolar e o papel do bibliotecário escolar no incentivo à leitura. Tal preocupação advém da constatação de que a leitura é decisiva para a compreensão da informação e como veículo de inserção cultural em uma realidade que se modifica a todo o momento. Na atualidade brasileira, as diferenças sociais são tangíveis, aumentando a exclusão social dos que não dominam a arte de ler. Também, a falta de acesso à informação prejudica a aquisição de conhecimento, e sem informação, os indivíduos desconhecem seus direitos e deveres. Assim, é necessário estimular o gosto pelo exercício da leitura desde a infância. Para isso contribuem a família, os professores e o bibliotecário. O objetivo principal dessa pesquisa é apontar o papel do bibliotecário escolar como agente mediador da leitura. Esse profissional deverá criar estratégias de leitura, transformar a biblioteca em um lugar atraente e acolhedor, organizar o acervo, ser cordato e acima de tudo, mostrar que a leitura pode ser um exercício prazeroso. O bibliotecário escolar, usufruindo das inovações tecnológicas e interagindo com os professores da escola, deve assumir a posição de agente estimulador do ato de ler e fazer da biblioteca um espaço de formação de leitores.

Palavras-Chave: Bibliotecário escolar. Biblioteca escolar. Incentivo à leitura. Formação de leitores.

ESPINDOLA, Ramadan Pereira. **O bibliotecário escolar como mediador da Leitura**. 2011. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

ABSTRACT

The present work, is configured as the result of a literary research, which focused on the discussions about the benefits of reading, the importance of reading in school, the importance of the school library and the role of school librarian in encouraging reading. The main concern stems from the observation that reading is crucial to understanding the information and as a vehicle for insertion in a cultural reality that is changing all the time. Today, Brazil's social inequalities are tangible, even more so among those who have not mastered the art of reading. Also, the lack of access to information affects the acquisition of knowledge, and without information, individuals are unaware of their rights and duties. Thus, it is necessary to stimulate the taste of reading by the exercise of reading since childhood. In order to achieve this, family, teachers and librarians are important contributors. The main objective of this research is to point out the role of the school librarian as a mediator of reading. This professional will create reading strategies, making the library an attractive, welcoming and enjoyable place to exercise the art of reading. Thus, while taking advantage of technological innovations and interacting with teachers at school, school librarian must assume the position of a stimulating reading agent, making the library a place of formation of readers.

Keywords: School Librarian. School library. Reading incentive. Formation of readers.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	09
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
3	REVISÃO DE LITERATURA	13
3.1	Benefícios da leitura	15
3.2	A importância da leitura na escola	21
3.3	A importância da biblioteca na escola	24
3.4	O papel do bibliotecário escolar no incentivo à leitura	27
4	SUGESTÕES PARA O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR OTIMIZAR A MEDIAÇÃO DA LEITURA	32
5	REFLEXÕES ACERCA DA BIBLIOTECA ESCOLAR	34
6	CONCLUSÃO	36
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre a leitura e a função do bibliotecário como mediador do ato de ler. Tal preocupação se justifica pela falta de leitura na vida das pessoas no mundo todo, o que ocasiona uma fragilidade em termos informacionais, pois a falta de acesso à informação prejudica a aquisição de conhecimento. Sem informação, os indivíduos não têm a responsabilidade de saber sobre os direitos e deveres.

Pode-se, então, dizer que a falta de informação é um reflexo da falta de leitura. Percebe-se que, hoje, a informação pode ser conquistada com mais facilidade, e mesmo assim a formação de novos leitores caminha muito devagar.

Outrora as bibliotecas escolares eram lugares para aplicação de castigos impostos pelos professores, os livros eram disponibilizados com muitas restrições e o bibliotecário era um agente passivo no processo de mediação da leitura. Hoje, não se concebe mais tal coisa: as bibliotecas escolares são difusoras da informação, os livros ganharam novas feições e formatos, o empréstimo é facilitado e incentivado, e o bibliotecário escolar compreende que deve desempenhar o papel de mediador da leitura.

Além disso, os telecentros e a internet atuam como fontes de informação e como fatores motivadores da leitura.

Então, surge o questionamento. Por que as pessoas não buscam a informação, se hoje é tão fácil de consegui-la? Um das principais hipóteses pode ser a falta de incentivo à leitura, desde a infância até a fase adulta. O estímulo deve começar na família, mas ser incrementado pelos profissionais atuantes na escola, como professores, diretores e bibliotecários. Esses últimos, denominados profissionais da informação, deverão interagir no processo de incentivo à leitura.

Destaca-se, então, a função dos profissionais bibliotecários que devem assumir a posição de mediadores entre informação e leitor, usando como espaço a biblioteca escolar, uma organização em constante crescimento, que se vale, além dos registros impressos, das facilidades da tecnologia.

Assim, a escolha do tema deu-se em virtude da relevância do papel do bibliotecário como agente interveniente no processo da leitura e do interesse do acadêmico de atuar em bibliotecas escolares.

Escolheu-se, como foco da pesquisa, o bibliotecário escolar no Brasil. Explicita-se: num mundo em que muitas ações relacionadas à responsabilidade social são divulgadas, o Brasil se destaca, negativamente, como um país de desigualdades sociais. Fala-se muito de livre acesso à informação e dos altos preços dos livros em nosso país e em como profissionais de diversas áreas desempenham suas funções diante de uma nova realidade social.

Essa realidade se modifica a todo o momento, e o bibliotecário escolar precisa estar atento às inovações para bem atender o usuário, não desprezando a preocupação de formar leitores, pois é o exercício da leitura que garante à criança a compreensão da realidade, que viabiliza sua inserção cultural e que possibilita diluição das fronteiras sociais.

Enfim, é pela leitura que a criança adentra no universo adulto, seja pelas informações contidas nos livros didáticos, seja pela ficção, pois a realidade, apresentada nos livros transmite sempre a visão adultocêntrica. Na literatura infantil, mesmo que os textos se mostrem mascarados pelo ludismo, personagens dotados de poderes mágicos, e animais falantes, têm um fundo moral que prepara a criança para a convivência em sociedade.

Assim, tem-se como objetivo geral, apontar o bibliotecário escolar como mediador da leitura, e, como objetivos específicos, citar os benefícios da leitura, destacar a importância da leitura na escola e a importância da biblioteca na escola, e refletir sobre o papel do bibliotecário escolar no incentivo à leitura.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O uso de procedimentos metodológicos no meio acadêmico é essencial para obtenção de respostas e conclusões de qualquer pesquisa efetuada. Numa instituição de ensino, no caso, uma universidade, esses métodos proporcionam senso de direção na obtenção dos resultados. Kahlmeyer-Mertens et al. (2007, p. 27), explicam que a metodologia, além de auxiliar, “orienta o universitário no processo de investigação para tomar decisões oportunas na busca do saber e na formação do estado de espírito crítico e hábitos correspondentes necessários ao processo de investigação científica”.

Pode-se dizer que metodologia é arte e técnica para guiar a investigação proposta. Complementam Kahlmeyer-Mertens et al. (2007, p. 15): metodologia é o “estudo de métodos de conhecer, de buscar o conhecimento. É uma forma de pensar para se chegar à natureza de um determinado problema, seja para explicá-lo ou estudá-lo”.

Percebe-se que na vida pessoal algumas pessoas não planejam como irão realizar uma determinada tarefa. Na vida acadêmica é preciso se planejar: fazer um projeto, ou seja, apresentar a intenção de um trabalho, e, depois, executar a pesquisa, ou seja, proceder à investigação.

Gil (1993, p. 147), afirma que a metodologia “é a parte mais complexa na redação de um projeto de pesquisa”. É quando o pesquisador resolverá seu problema e definirá quais ferramentas e formas de trabalho serão usadas para obter os resultados.

Para Gil (1993, p. 19) a pesquisa “decorre do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer [...] e do desejo de conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente e eficaz” e a pesquisa pode ser definida como “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

A seu turno, Kahlmeyer-Mertens et al. (2007, p. 26) definem pesquisa como “um esforço dirigido para a aquisição de um determinado conhecimento”. Nesse trabalho, o esforço foi no sentido de obter mais conhecimento a respeito do ato de ler e do envolvimento do bibliotecário no exercício da leitura na escola.

Segundo Gil (1993, p. 30), o problema da pesquisa “deve ser formulado como pergunta”. Assim, pergunta-se: como o bibliotecário escolar pode atuar como agente mediador da leitura?”

Para responder a essa pergunta, optou-se por realizar uma pesquisa exploratória, bibliográfica e qualitativa.

De acordo com Gil (1993, p. 45) as pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”. No presente, não se pretende elaborar hipóteses, mas compreender melhor o problema.

A pesquisa bibliográfica, para Gil (1993, p. 48) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. A pesquisa bibliográfica é fundamental, pois abrange levantamento bibliográfico, leitura, fichamento, análise e interpretação das informações fornecidas pelos livros e periódicos e, também, por trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses e material disponível na internet. Nos trabalhos de graduação e pós-graduação utiliza-se a pesquisa bibliográfica como ponto de partida ou como pesquisa em si.

Para Silva e Menezes (2005, p. 20) na pesquisa qualitativa há “um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Nesse sentido, essa pesquisa pode ser configurada como qualitativa, pois não apresentará os dados em forma estatística, mas como uma interpretação do referencial teórico abordado, que constará de uma revisão de literatura acerca da leitura, seus benefícios, da necessidade de a mesma ser facilitada na escola e na biblioteca, bem como acerca do papel do bibliotecário escolar como mediador da leitura. Após a moldura teórica, se fará reflexões sobre a biblioteca escolar e se apresentará algumas sugestões para o bibliotecário escolar otimizar a mediação da leitura.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Definir leitura não é uma tarefa tão fácil, pois os teóricos adotam diferentes pontos de vista. Apresentam-se, entretanto, algumas definições, pois, para entender algo, tem-se de nomeá-lo.

Segundo Caldin (2003, p. 52) “A leitura se caracteriza como sendo uma atividade de questionamento, conscientização e libertação”. É por meio do ato de ler que as pessoas podem se conscientizar da realidade, questionar as ideologias e tomar uma posição a respeito dos assuntos corriqueiros, científicos ou literários. A leitura, ainda, permite uma introspecção, ou seja, avaliar os erros cometidos – sejam ideológicos ou comportamentais.

De acordo com Moraes (1996, p. 109) a arte de ler “é a capacidade de reconhecimento das palavras escritas, isto é, a capacidade de identificar cada palavra como forma ortográfica”. Essa definição é restritiva, pois o ato de ler implica não apenas na decodificação dos signos linguísticos, mas também motiva o leitor a extrair o sentido do texto, interpretar o texto e interagir com o texto. Os teóricos modernos apresentam a leitura como um processo de deciframento do escrito, de desvelamento do texto, de viagem no imaginário, e de diálogo com o texto. Assim a leitura está atrelada à escrita.

Lembra Caldin (2010b, p. 9, grifo da autora):

Na sociedade ocidental, ao longo das eras, a *leitura* é entendida de maneira diferente, de acordo com as necessidades humanas. A história da leitura perpassa pelo valor concedido ao registro escrito como veículo da democracia (na *pólis* grega), da religião (na Idade Média), da economia (na Idade Moderna), da política (a partir da Revolução Francesa) e da educação (desde o século XIX).

Então, para melhor entendimento da leitura buscou-se sintetizar a evolução do ato de ler a partir do surgimento da escrita até os dias atuais para apontar a estreita ligação entre ambas.

Segundo Mello (1979, p. 19) a escrita e a leitura “nasceram juntas, porque o Homem, no seu desejo de dialogar, de comunicar-se, mal começou a falar, criou o livro”.

E Orlandi (1996, p. 89) expressa que o ato de ler “é um dos elementos que constituem o processo de produção da escrita”.

Quando se fala em *ato* de ler, considera-se que a leitura possui intencionalidade, isto é, quem lê o faz com alguma intenção: se informar, se distrair, estudar, por exemplo. Quando se fala em *produção* da escrita, considera-se a mesma expressividade, criação humana.

Fortalecendo a vinculação desses dois elementos – escrita e leitura – Mélo e Machado (2008, p. 6) falam que ambas “são instrumentos essenciais na vida do homem, mesmo que vivamos em uma sociedade marcada pela mídia, pela televisão, e outros meios de disseminação da cultura”.

A arte de escrever foi evoluindo, pois a necessidade de instruir e comunicar foi aumentando com o passar dos séculos. Nos séculos I e II d. C, os gregos e romanos eram leitores ávidos; de acordo com os estudos de Cavallo e Chartier (1998, p. 76-77) “o florescimento de bibliotecas públicas em Roma e no mundo romano só pode ser marginalmente relacionado com as maiores exigências da leitura”. Surgia então um espaço onde se armazenava conhecimento, criado por imperadores ou homens ricos da época. A implantação dessas bibliotecas como depósito de conhecimento foi um marco importante para a difusão de informações, pois, até então, somente os abastados dispunham de bibliotecas particulares, o que lhes conferia status e poder.

A partir dessa época a leitura teve um papel de grande importância em todas as idades das pessoas. Segundo Cavallo e Chartier (1998, p. 123), “durante a Idade Média, a leitura se situava principalmente no quadro dos mosteiros” tornando-se um “exercício escolar, depois universitário, regida por leis que lhe são próprias”. Em síntese, “a leitura constituía verdadeiramente o alimento espiritual dos monges” que “consideravam o coração como a sede da mente e viam a leitura como o principal instrumento para tocar os sentimentos do coração”. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 124, 150). A escrita e a leitura, segundo esses autores tiveram

Papel crucial na manutenção das tradições ortodoxas da Igreja, na transmissão de tal legado e na expansão desses elementos entre as novas gerações. [...] A escrita passa a ser [...] uma linguagem visível capaz de transmitir algo de forma direta para a mente por intermédio do olho. [...] os cristãos que soubessem ler eram exortados. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 104-106)

Com o advento das universidades, no século XII, a leitura deixou de ser um exercício religioso e passou a ser um exercício acadêmico, em que os leigos participavam. Caldin (2010b, p. 9, 10) esclarece que “a meditação cedeu à utilidade; aparecem os resumos de doutrinas (tanto bíblicas quanto aristotélicas) e a leitura dos originais é substituída por textos fragmentados e compilações literárias.”

Assim, o leitor da Idade Média prioriza a leitura religiosa ou a leitura para fins escolares.

Com a invenção da imprensa, no século XV, houve impulso no comércio livreiro europeu. Muito embora a Bíblia tenha sido o primeiro livro impresso e a situação religiosa do século XVI tenha sido a da Reforma Protestante e a da Contra-Reforma (com a divulgação de propaganda religiosa), o povo também comprava e lia obras ficcionais, como os romances de cavalaria. E, depois da Revolução Francesa, além dos romances, histórias policiais, contos de fadas, fábulas, histórias de aventuras, o jornal passou a ser um veículo de informação que o povo lia com avidez. (CALDIN, 2010b).

Desde então, com a difusão da educação primária gratuita e obrigatória, a leitura se popularizou e é um direito de todos. No século XXI as tecnologias mudam um pouco o formato do livro e o perfil do leitor, mas o exercício da leitura continua sendo necessário para a aprendizagem, as tarefas cotidianas e o mercado de trabalho. Por esse motivo, serão abordados nesse trabalho de conclusão de curso os benefícios da leitura, a importância da leitura na escola, a importância da biblioteca escolar, e o papel do bibliotecário no ambiente da escola.

3.1 Benefícios da leitura

É durante a leitura que o ser humano pode distrair-se e sanar a curiosidade do saber. Há quem diga que ao saber praticá-la, a pessoa se torna mais inteligente e integrante da sociedade. Segundo Silva (1993, p. 11), “a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade”.

É por meio do ato de ler que o leitor identifica, entende e, algumas vezes, soluciona seus problemas.

Um dos mais importantes benefícios adquiridos por essa atividade é o conhecimento que, segundo Zinani, Santos e Wagner (2007, p. 388) é “o pensamento que resulta da relação que se estabelece entre sujeito que conhece o objeto a ser conhecido”. A quantidade de conhecimento contido em qualquer texto, indiferente do suporte, fará o indivíduo conhecer as transformações do mundo numa simples folheada de páginas ou na tela de computador.

E, lembra Morais (1996, p. 21) que “a leitura é indispensável na vida cotidiana, mesmo fora da esfera profissional. Os textos escritos substituem a informação falada, individual, nos aeroportos e estações, lojas, bancos”.

A leitura deve proporcionar reflexões ao leitor, acrescentando novas experiências e renovando as idéias já existentes. “Que faça parte de seu contexto e que lhe permita aprender ou re-aprender”. (BECKER; GROSH, 2008, p. 35). A leitura tem que ser encarada como um exercício de reflexão, senão, pouco acrescentará ao conhecimento.

Kleiman (1989, p. 26) diz:

Quando decoramos um texto, palavra por palavra, sem tentar procurar um sentido global, isto é, sem fazer as inferências necessárias, esquecemos o conteúdo quase que imediatamente, evidenciando com isto que não houve compreensão, apenas um passar de olhos superficial, sem que o material percebido sequer pareça ter entrado na consciência.

Um texto lido e compreendido enriquecerá o intelecto. A compreensão do conteúdo pode ativar outras formas de entendimento e “quando o leitor é incapaz de chegar à compreensão através de um nível de informação, ele ativa outros tipos de conhecimento para compensar as falhas momentâneas”. (KLEIMAN, 1989, p. 16).

Além de confrontar as opiniões de estudiosos e especialistas, é importante citar o depoimento de leitores comuns e apaixonados pela leitura. Eles também podem demonstrar os benefícios adquiridos e o que sentem durante o ato de ler. Um exemplo disso é de Domingos (LER..., 2010, p. B6), Vice-responsável pela Divisão Feminina da Comunidade Universo de Jundiaí, que disse ao Jornal Brasil Seiko: “ler nos possibilita repensar nossas atitudes, olhar problemas de novos ângulos, aumenta nosso vocabulário e estimula nossa criatividade”. Quando se intensifica essa atividade, mais palavras desconhecidas fazem parte do dicionário pessoal, o que deixa as pessoas mais cultas.

Na opinião de Cavallo e Chartier (1998, p. 116), a leitura motiva “a demanda por acesso mais fácil à informação”. Sem a capacidade de ler, o indivíduo não terá o conhecimento, elemento vital, também, na obtenção do sucesso profissional.

É pela ação de ler que enriquecemos nossa vida pessoal e conquistamos sucesso no trabalho. Tanto que Souza (1998, p. 17) diz que uma das possibilidades trazidas pela leitura é de ordem “econômico-social”. O conhecimento adquirido pode ser um diferencial numa entrevista de emprego.

A informação contida nos livros, jornais, revistas e em outros suportes, pode deixar as pessoas atualizadas e mais críticas. De acordo com Souza (1998, p. 13), “a leitura, por trabalhar o intelecto, a imaginação, a sensibilidade, por constituir-se em fonte de atualização, prazer e criatividade, concorre para a formação do homem consciente e atuante, e

questionador”. Ao concordar com uma opinião registrada, ou se posicionar contra ela, o leitor atua como um portador de espírito crítico.

Tal espírito crítico, exercido no ato de ler, ajuda o indivíduo a procurar respostas. Mélo e Machado (2008, p. 9) falam que “o indivíduo, no momento da leitura, pode confrontar criticamente suas idéias com as idéias do autor do texto, ato que possibilita a formação de novos conceitos pelo leitor”.

Fortalecendo essa tese, Kleiman (1989, p. 11, 35) diz que “a reflexão consciente do leitor torna esse sujeito na interação, não apenas um leitor proficiente, mas também muito mais importante, um leitor crítico” e que durante a leitura o “leitor ativo, realmente engajado no processo, elabora hipóteses e as testa, à medida que vai lendo”.

Se por meio da leitura pode-se adquirir espírito crítico, alguns autores comentam que a existência do analfabetismo reflete as atitudes planejadas pelo poder dominante. Segundo Silva (1993, p. 50), “a presença de leitores críticos sem dúvida incomodaria bastante a política da ignorância e da alienação, estabelecida pelos regimes ditatoriais”. Essa citação, merece uma reflexão: quanto mais ignorante um cidadão, menos ele conhecerá seus direitos e mais facilmente ele será manipulado.

Além dos benefícios apontados, a leitura, principalmente a literária, proporciona o desvelamento do texto.

Segundo Ferreira e Dias (2002) a leitura possibilita ao leitor a construção de múltiplos significados e o sujeito ao fazer essa prática “elabora suas próprias questões [...] confirma e/ou reelabora as suas próprias respostas. É ele quem escreve e reinscreve o significado com o escrito a partir de sua própria história”. E mais, “só a leitura, entendida como uma atividade social e reflexiva, pode propiciar uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita”. (FERREIRA, DIAS, 2002, p. 41).

Algumas pessoas compreendem alguns textos que outras não conseguem, levando a crer que numa única estória lida por vários indivíduos há interpretações diferentes, pois cada leitor tem formas de interpretar e criticar. Ocorre também, a possibilidade de o mesmo leitor mudar de interpretação após ler o texto diversas vezes. Isso é esclarecido por Orlandi (1996, p.86) que afirma: “toda leitura tem sua história”.

E quanto aos livros lidos várias vezes pelas mesmas pessoas, tornando assim o gosto por determinado tipo de leitura? Sobre isso, salienta Calvino (1993, p. 10-15) ao dizer que clássicos “são os livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis”.

No final de uma de suas leituras, Proust (1991, p. 24) declara o seguinte; “queríamos tanto que o livro continuasse, e, se fosse possível, obter outras informações sobre todos os personagens, saber agora alguma coisa de suas vidas”.

É como se transportar para dentro de um livro ou de um filme vivendo as alegrias e tragédias de um personagem. Como se não bastasse, o leitor se intriga ao querer conhecer mais sobre um determinado assunto, ou sobre a vida dos personagens da estória. É como ver um filme, que ao terminar, você imagina como será sua sequência. Tudo isso faz parte da leitura prazerosa.

E por que não dizer que o leitor ao ler uma estória não estará conversando com o autor? Proust (1991, p. 26-27) pensa dessa forma ao dizer

que a leitura de todos os bons livros é como uma conversação com as pessoas mais honestas dos séculos passados e foram seus autores [...] é uma conversação com homens muito mais sábios e mais interessantes que aqueles que podemos ter a chance de conhecer a nossa volta.

Ao ler uma estória, a pessoa tentará extrair o que o autor quis transmitir, mas também dará novos sentidos ao lido. Assim, é como se existisse uma conversa imaginária entre leitor e escritor.

Caldin (2010a, p. 116) destaca que “um texto literário produz um efeito terapêutico ao moderar as emoções, permitir livre curso à imaginação e proporcionar a reflexão” e “a leitura, não há como negar, é um ato de comunicação que ultrapassa o corpo do autor atingindo o corpo do leitor/ouvinte”. Vivendo a estória, o leitor pode, na resolução dos problemas do personagem, encontrar a solução de um problema da vida real.

A leitura de um livro pode trazer alívio a uma pessoa depressiva. Isso acontece quando o leitor percebe que os problemas do personagem são bem piores que os problemas vividos por ele na vida real. E isso é um benefício terapêutico.

Caldin (2010a, p. 83) ressalta ainda que a leitura é terapêutica desde que os leitores “no momento mesmo da leitura, produzam um sentimento de bem-estar, forneçam-lhe uma sensação de equilíbrio e leveza, lhe deem prazer, propiciem o esquecimento dos males”.

Essa satisfação é uma das melhores sensações do ato de ler, tanto que Kleiman (1989, p. 34) declara: “não há objetivos na leitura por prazer. O objetivo é o prazer”. Nesse tipo de leitura, a pessoa fica tão amarrada à estória que só se contentará quando lê-la até o fim.

De acordo com Zinani, Santos e Wagner (2007, p. 390) o ato de ler é “uma experiência profundamente pessoal e resulta da permanente confrontação entre narrativa do autor e as histórias de vida do leitor”.

Uma opinião semelhante expressa Silva (1993, p. 21): “de repente, somos como que fígados pelo texto e empaticamente as personagens no miolo da trama, enfrentando conflitos e obstáculos”. Em muitos casos os problemas e as virtudes de um personagem fictício de um romance são absorvidos pelo receptor que é o indivíduo que lê.

Há de se concordar com isso, pois,

Haja vista que as aspirações, necessidades ou experiências manifestadas pelas personagens são, de fato, bem reais para os leitores, ouvintes ou espectadores [...] pois é como se o leitor (ouvinte ou espectador) vestisse o corpo do personagem para se apossar também de suas vivências. (CALDIN, 2010, p. 148).

Com esse referencial, Caldin (2010a, p. 75) afirma que o ato de ler “é uma troca consentida de idéias, pensamentos, conhecimentos e emoções entre corpo do escritor e o corpo do leitor ou ouvinte”.

Essa interação entre escritor e leitor é explicada por Kleiman (1989, p. 19): “o autor se propõe a fazer algo, e quando essa intenção está materialmente presente no texto, [...] o leitor se dispõe a escutar, momentaneamente, o autor, para depois aceitar, julgar, rejeitar”.

Isso pode acontecer até nos contos de fadas que são a literatura mais indicada na infância, pois “cabe à leitura preparar a criança para refletir sobre os valores da sociedade”. (CALDIN, 2003, p. 48).

A maioria dos psicólogos, entre eles Bettelheim (1980) e Cashdan (2000), acreditam ser terapêuticos os contos de fadas, pois a identificação com as personagens auxilia a criança a compreender suas predisposições falhas, a socializar melhor e a resolver conflitos inconscientes.

Cashdan (2000, p. 46) afirma que esse tipo de literatura “cumpre uma missão psicológica, a de combater as tendências pecaminosas” e que tal acontece “porque os protagonistas são crianças comuns, com que o público infantil se identifica facilmente”.

Para isso é preciso incentivo aos que estão começando a adentrar no universo da leitura. Isso pode ser feito de diversas maneiras, para todas as idades, com intuito de aumentar o interesse pela leitura. Hoje, há uma variedade de textos literários que podem atrair as pessoas ao mundo da leitura.

Segundo Caldin (2005, p. 166)

Desde a década de noventa o livro infantil conseguiu mais espaço no mercado editorial brasileiro, pois apresenta textos inovadores, questionadores, com uma nova proposta cultural e técnicas narrativas contemporâneas, que transformam a leitura em uma atividade prazerosa e crítica ao mesmo tempo, seduzindo a criança para o exercício da reflexão.

Além do texto, as ilustrações, a capa, o tipo de material, ajudam a estimular o gosto pela leitura. Um livro não passa despercebido numa vitrine: sempre é notado por sua capa, colorido atraente, título sugestivo.

“Nunca foi tão fácil incentivar os filhos a lerem. Nas livrarias, encontra-se de tudo. Há livros de pano, de plástico, com figuras tridimensionais, de montar, de dobrar – tudo para tornar o hábito da leitura cada vez mais prazeroso”. (ENCHA ..., 1998, p. 90). Há que se concordar com a citação, pois a diversidade de títulos e formatos encanta e seduz crianças e adultos. As imagens são formas de atrair a criança que, com curiosidade, adentra na estória. O livro é uma forma de presentear. Os pais, na maioria dos casos, presenteiam seus filhos com brinquedos e outros objetos, que inevitavelmente, fazem parte da formação da criança. Mas é inegável que o livro poderia e deveria ser incluso como um presente, pois ler também é brincar com o texto.

Na infância o menino e a menina, se estimulados, tendem a adquirir o exercício de ler. “Nessa etapa, o livro deve ser oferecido como qualquer outro brinquedo”. (ENCHA..., 1998, p. 91).

Na reflexão de Ikeda (2006, p. 67), esse tipo de presente poderia ser dado na infância. A psicóloga da Universidade Federal do Paraná, Maria Luiza D’ Ávila Pereira (apud ENCHA..., 1998, p. 90), compartilha da mesma opinião quando diz que “é preciso comprar livros. A criança que não tem livro em casa dificilmente vai se interessar mais tarde pela leitura”.

Salgado e Becker (1998, p. 3) são mais específicas sobre a importância de ler nessa idade: “a socialização primária é experimentada na infância, é quando o indivíduo se torna membro da sociedade”. As crianças começam a usufruir de alguns direitos como a educação, escola, saúde e tantos outros. Sendo assim, a contribuição da leitura na socialização das crianças é muito importante.

Lembrando, os pais deveriam ser exemplos e se esforçarem um pouco mais. “Quem realmente faz a diferença é quem lê a história. Para os filhos, poucas coisas são tão

confortáveis quanto ouvir pai ou mãe ler uma história”. (ENCHA ..., 1998, p. 91). Esse esforço será gratificante tanto para os pais quanto para os filhos.

Uma criança, ao escutar uma estória, fica fascinada. E isso é mais um grande benefício. Sobre isso Caldin (2010a, p. 151) comenta que “para a criança, entretanto, uma história lida, narrada ou dramatizada tem um sentido especial porque ela não considera a efabulação uma idéia, mas algo que ela vive plenamente” ou seja, “para a criança, a história é uma situação”. Essa atividade é essencial para os menores serem incentivados a ler. Pois, geralmente, as crianças seguem os passos de seus responsáveis. Os adultos são muitos influentes nessa questão.

Alguns autores de obras literárias defendem que a leitura deva ocorrer durante toda existência do ser humano, mas principalmente na infância. Por isso, a intervenção do pai, ou do responsável, lendo para a criança é fundamental. Também é importante que os pais leiam e que seus filhos os vejam lendo.

Essa experiência foi vivenciada pela escritora americana, Fadiman (2002). Ela lamenta que as crianças de hoje não veem os pais lendo, como acontecia com ela em sua infância. Isso se configura como uma grande perda, pois os benefícios adquiridos durante essas atividades são extensivos aos pais e aos filhos. De acordo com Fadiman (2002, p. 133-135), “Eu parecia a mãe e ele o filho, mas o filho corrigia com frequência minha pronúncia [...] quando eu era pequena ele sempre lia para mim [...] agora eu leio para ele”.

Experiência semelhante é relatada pelo bacharel em economia, John Wood, ex-diretor Microsoft que largou essa multinacional para se dedicar em distribuir livros às pessoas carentes do Nepal. Wood (2007 apud MELLO, 2007, p. 121), revela numa entrevista o seguinte: “Era a minha mãe quem lia livros para mim quando eu era pequeno”.

Mas, se a família perder esse momento íntimo e confortador de partilhar as leituras, cabe à escola, na figura do professor e do bibliotecário, resgatar o exercício da leitura, seja a informacional, seja a prazerosa.

3.2 A importância da leitura na escola

É impossível estudar sem ler, o que sacramenta a importância da leitura na educação escolar. Alguns estudiosos se questionam se a comunidade escolar vem contribuindo no processo de formação de novos leitores.

Ferreira e Dias (2002, p. 1) perguntam: “Será que a escola tem favorecido o desenvolvimento de sujeitos-leitores?”. Esse questionamento põe em dúvida a qualidade do ensino escolar.

Segundo Caldin (2002, p. 20), a “arte e educação podem ser parceiras na fruição literária, se a escola fornecer às crianças os estímulos adequados à leitura”. A escola não somente educa o indivíduo como o capacita em sua formação profissional.

De acordo com Hillesheim e Fachin (2004, p. 36)

O objetivo principal da escola é oferecer aos seus alunos habilidades e competências necessárias para seu desenvolvimento pessoal, social, e profissional. A leitura é uma dessas habilidades básicas, com ampla diversidade de uso e aplicação e pode ser realizada para informar, investigar, aprender, ensinar, divertir, entre outros.

A escola é a instituição que alfabetiza os cidadãos, e pode ser muito mais. Ela despertará a criança para o infinito mundo do conhecimento e o mundo ficcional.

É percebido que a aplicação do estudo em sala de aula é baseada em livros didáticos que são vistos, na opinião de Zinani, Santos e Wagner (2007, p. 390), “como livros da escola, e não dos leitores [...] certas leituras são para escola, não para si próprios”. Sem desmerecer esse tipo de leitura, pois, é inegável que essas obras complementam o ensino, assevera-se que poderiam ser inclusos outros gêneros no currículo escolar. A literatura é uma boa indicação, visto que instiga a imaginação e auxilia na escrita criativa. É possível sim, incentivar outras leituras sem deixar de atender ao currículo escolar.

A presença do educador no processo da leitura é essencial, tanto que Mélo e Machado (2008, p. 8) contam que “os professores podem, na sala de aula, proporcionar experiências variadas e coletivas de incentivo à leitura, além de apoiar e orientar os pais para esta atividade em casa”.

Mas de acordo com Souza (1998, p. 20, 26), “a experiência de ler, oferecida ao aluno pela escola, ao longo dos anos, tem sido através da obrigatoriedade” e “o livro didático e o próprio autor constituem-se obstáculos para a leitura das obras.”

Kleiman (1989, p. 35) fala que:

Quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercitando atividades mecânicas que pouco tem a ver com o significado e sentido. Aliás, essa leitura desmotivada, não conduz à aprendizagem. [...] material irrelevante para um interesse ou propósito passa despercebido e é prontamente esquecido.

Assim, obrigar uma criança a ler não conduz a futuras práticas leitoras, pois o ato de ler será considerado um trabalho enfadonho. O educador, então, deve se policiar para transformar a leitura em um exercício de fruição e reflexão.

A importância do educador é destacada por Hillesheim e Fachin (2004, p. 43) ao afirmarem que o professor é “o maior elo motivador da leitura para crianças, após as influências familiares, na escola”. O professor será um integrante ativo nesse processo. Cabe a ele alfabetizar os alunos de forma prazerosa. Acontecendo isso, as crianças poderão descobrir a leitura como algo gostoso, que complementa o estudo e que dá prazer.

De acordo com Souza (1998, p. 23),

na vivência escolar é o professor que está diretamente em contato com o aluno, a ele cabe dar testemunho de amor aos livros. Ao professor compete estar consciente da importância da leitura para o homem e, atento à problemática da sociedade brasileira e das dificuldades da instituição escolar, repensar sua prática pedagógica.

Basta ao professor desenvolver incentivos ao estudante para melhorar o interesse pelo ato de ler. Quando a leitura é prazerosa, melhor é a compreensão do texto. A contribuição do educador nessa etapa é criar “desafios à compreensibilidade do aluno sem deixar de lhe propiciar as condições para que esse desafio seja assumido de forma consequente”. (ORLANDI, 1996, p. 88).

Nota-se que, apesar da escrita e a leitura estarem ligadas, nem todas as pessoas que escrevem bem, lêem bem. Isso pode ser uma interferência no processo de ensino e aprendizagem nas escolas. De acordo com Kato (1985, p. 4), “o que se observa em nossa escola é a excessiva preocupação com a escrita e a pouca atenção que se dá para o desenvolvimento da leitura”.

Outro ponto a ressaltar é o desinteresse, principalmente, quando o aluno se forma no ensino fundamental ou quando completa a adolescência, período onde surge um grande desapego aos textos.

O analfabetismo é um reflexo da falta de políticas públicas com a educação, e afeta mais ainda a formação de leitores. A falta de políticas voltadas à área educacional é preocupante. Baseado nisso, Caldin (2002, p. 31) fala: “o que se observa, entretanto, é uma escola que mal consegue alfabetizar, quanto mais formar leitores”.

E Bernadete Santos Campello, embasada em pesquisas, diz: “sabe-se que a escola tem contribuído para o afastamento do aluno da leitura”. (CAMPELLO, 2010, p. 187).

Mas a escola é responsável direta no processo de incentivo à leitura, tanto que Zinani, Santos e Wagner (2007, p. 389) dizem “que é fundamental que a comunidade educativa invista no processo de leitura, reforçando positivamente essa crença do aluno”. Fortalecendo sua própria opinião, Zinani, Santos e Wagner (2007, p. 398), declaram que o colégio como “instância mediadora fundamental entre leitor e o livro, precisa organizar projetos específicos visando ao engajamento, não somente dos professores e alunos, mas de toda a comunidade escolar”. A biblioteca, inserida no ambiente escolar, contribuirá em muito nesse processo.

3.3 A importância da biblioteca na escola

Antes de falar da biblioteca no ambiente escolar é necessário entender um pouco de sua função e utilidade. Essa instituição possui grande história.

Nos colégios do século XIII e XIV em Oxford e Cambridge [...] as bibliotecas começaram a ser instaladas em salões e eram mobiliadas com escrivaninhas, estantes de leitura. [...] era claramente considerada local em que professores e alunos podiam ler, escrever e estudar” (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 160-161).

Várias mudanças surgiram tanto relacionadas à visibilidade quanto à sua organização. “As mudanças nas leituras também afetavam a organização das bibliotecas”. (CAVALLO e CHARTIER, 1998, p. 160).

O matemático que mais tarde se dedicou a Biblioteconomia, Shialy Ramamrita Ranganathan, define biblioteca em sua 5ª lei da Biblioteconomia como “uma organização em crescimento, pois a produção de conhecimento é um ato contínuo e dinâmico”. Assim, a biblioteca não é apenas uma guardiã de livros e sim uma instituição que precisa se adaptar às necessidades do usuário.

Ao longo do tempo essa unidade de informação vem crescendo, fazendo jus à lei de Ranganathan. Hoje, se percebe que muitas delas possuem rampas de acessos a deficientes físicos, computadores para auxiliar na pesquisa, estantes rolantes para melhor aproveitamento do espaço físico. Enfim, é uma organização que não pára de crescer em todos os aspectos, e por isso nunca entrou em decadência.

Essa unidade de informação é local portador de uma gama enorme de conhecimento a ser usufruído. Becker e Grosh (2008, p. 38-40) dizem que “as bibliotecas, são as organizações onde este conhecimento muitas vezes está guardado, porém, nem sempre socializado”. Se a

biblioteca não for esse local que una as pessoas à informação, muito do conhecimento ficará retido e o usuário procurará informações em outro lugar.

As bibliotecas propiciam o acesso à informação gratuita, disseminam informação de qualidade e com custos reduzidos. Dizem Cavallo e Chartier (1998, p. 25): “Nos regulamentos e catálogos de instituições que, a partir do século XVIII, autorizam a leitura sem necessidade de compra: De um lado as livrarias de empréstimo e de outros as sociedades de leituras”.

Em se tratando de biblioteca escolar, essa instituição permite que o professor e o aluno usufruam obras que possuem custos altíssimos e que não podem ser compradas, pois seu preço interfere na renda familiar. Por exemplo, Silva (1993, p. 59), declara que “como professor, em função do custo da obra, eu estava sendo impedido de acompanhar a literatura e o avanço dos conhecimentos na minha área de atuação, me fazendo ficar pra trás e desatualizado”.

Com a biblioteca se integrando ao ambiente da escola uma grande quantidade de informação ficou mais acessível aos educadores e estudantes. A biblioteca escolar, se dispor de acervo atualizado, proporcionará aos professores e alunos a posse de informações necessárias ao aprimoramento profissional dos primeiros e à aprendizagem dos últimos.

A biblioteca escolar tem uma função muito importante no exercício da cidadania, pois, segundo Caldin (2005, p. 163), além de despertar o gosto pelo ato de ler como forma habitual de lazer, um de seus grandes objetivos é a formação do cidadão consciente e capaz de um pensamento crítico e criativo.

Caldin (2002, p. 25) diz que “escola e biblioteca poderiam viabilizar o processo de leitura e da formação do leitor, bem como disponibilizar o acesso aos textos literários e incentivar o uso do livro”. Essa unidade de informação poderá disponibilizar seu espaço para atividades de incentivo a leitura.

Hillesheim e Fachin (2004, p. 35) afirmam que “as atividades de incentivo a leitura são imprescindíveis em qualquer escola, principalmente no ensino fundamental, onde essas ações deveriam ser realizadas com colaboração mútua entre professores e biblioteca”. As autoras ainda afirmam que o envolvimento de um profissional da informação é importante para esse processo. “Destaca-se que a presença do bibliotecário passou a ser valorizada e fundamental para o desenvolvimento das atividades de incentivo à leitura e outras inerentes à biblioteca escolar”. (HILLESHEIM; FACHIN, 2004, p. 36). Também alertam sobre os possíveis fracassos, caso a biblioteca escolar não cumpra seu papel de incentivar a pesquisa e a leitura.

É preciso que essa instituição interaja com o público-alvo. Que o atraia. Muito embora em determinadas escolas a biblioteca seja dinâmica, em outras tal não acontece. Em muitos casos, segundo Salgado e Becker (1998, p. 4), “as bibliotecas escolares são meros depósitos de livros, em salas adaptadas e que não atendem as reais necessidades e finalidades para qual a mesma foi criada”. É necessário transformá-las, conforme sugerido por Salgado e Becker (1998, p. 11), como “um local importante para o estudo, onde os alunos vão pesquisar, ler e ampliar seus conhecimentos”.

O ambiente físico e agradável de qualquer organização é essencial. Em uma unidade de informação não é diferente, tanto que Nóbrega (2002, p. 130) o aponta como uma das formas de conquistar o usuário. Mas só o ambiente acolhedor não é suficiente, é necessário apresentar, ainda, atividades que conquistem a criança e nela despertem o gosto de ler.

Segundo Campello (2010, p. 194), algumas bibliotecas realizam atividades paralelas à leitura para atrair as crianças: “disponibilizam jogos realizam brincadeiras e competições, organizam gincanas, oferecem prêmios e atividades manuais como oficina e confecção de livro de pano” além de “outras desenvolvidas ao redor das narrativas, com a finalidade de dinamizar a leitura”. Essas atividades na biblioteca, se desenvolvidas em parceria com os professores, criam uma boa imagem da instituição, sem falar no efeito produzido nos alunos.

A citação anterior é compatível com a opinião de Silva (1993, p. 72): “não basta que a biblioteca execute somente tarefas técnicas de difusão da informação” é necessário “que se preocupe com a qualidade e dos seus serviços [...] com o planejamento de programas sócio-culturais”. Além de selecionar o acervo e catalogá-lo, é indispensável explicar a organização do material bibliográfico ao usuário, mostrar que as portas da biblioteca estão abertas para a comunidade escolar e incentivar a leitura.

O uso da unidade de informação como interventora no processo de formação de leitores é proposto por muitos autores. Zinani, Santos e Wagner (2007, p. 390), por exemplo, determinam essa unidade de informação dentro da escola como “mediadora da informação, [...] podendo ser entendida como um local que estimula a circulação ou a transferência de conhecimento”.

Hillesheim e Fachin (2004, p. 37) declaram que a biblioteca escolar “é instrumento indispensável como apoio educacional, didático-pedagógico e cultural”. Opinião reforçada por Caldin (2005, p. 164) que diz que “uma das funções da biblioteca é ensinar o aluno a pensar”. Garcez (2007, p. 29) vai além, ao dizer o seguinte: “para que a biblioteca escolar possa atender às demandas de sua clientela, é fundamental que possa contar com espaço

físico, recursos (humanos, materiais e orçamentários) e acervo em constante atualização e em número suficientes”.

Para a biblioteca se transformar num ambiente atrativo de leitura é preciso, além de estrutura e recursos, uma atitude engajada dos profissionais ali atuantes, que são os bibliotecários. Para isso é necessário, além da organização que permite a fácil localização dos livros, o empenho em incentivar a leitura.

3.4 O papel do bibliotecário escolar no incentivo à leitura

Várias são definições para esse profissional. Entre elas: o administrador da biblioteca; um profissional formado no Curso de Biblioteconomia; alguém que não se contentava apenas em ler os escritos, e por isso, os guardava, catalogava e cuidava.

Salgado e Becker (1998, p. 1) definem esse profissional como sendo alguém qualificado para “planejar, organizar, gerenciar bibliotecas – públicas, escolares, universitárias, infantis; Centros, Serviços e redes de informação e Documentação em empresas, bancos, sindicatos, discotecas, editoras, arquivos museus e outras organizações”.

Segundo Cunha (2003, p. 46), a missão do bibliotecário é

facilitar aos indivíduos o acesso à informação e possibilitar, desta forma, o desejo de aprender, de discutir, enfim, a formação do conhecimento ou o conhecimento em formação. Desta forma, nossa missão como agentes de transformação social é plenamente realizada.

O bibliotecário está diretamente ligado à área social, pois sua missão é mediar o usuário na busca da leitura, ou seja, organizar, analisar e difundir a informação. Com o desenvolvimento da tecnologia esse profissional teve de se preparar para dominar a linguagem informática e os programas de computador para melhor atender os usuários. Antes, o bibliotecário estava centrado apenas no preparo técnico de livros e normas de organização do acervo, pois sua preocupação era deixar a biblioteca acessível para consulta local e eventuais empréstimos. Hoje, ele entende que o uso do acervo extrapola o espaço físico da biblioteca e que ele deve auxiliar o usuário a usar as tecnologias para a obtenção de informações.

No decorrer do ensino fundamental, muitas crianças já possuem uma capacidade de se adaptar às novidades. Nesse aspecto, surge muito cedo outro perfil de leitores. Destaca-se que muitas crianças e jovens leem em frente ao computador, tendo acesso o que antes custava muito dinheiro, podendo optar pela leitura na tela ou no papel.

Existem os benefícios e malefícios do avanço tecnológico. Se as pessoas não o absorverem e usufruírem dele, e não transformá-lo de vilão para parceiro, podem se desatualizar, afetando suas vidas tanto no lado pessoal quanto no profissional. A importância da informática para os profissionais de todos os ramos, segundo Moraes (1996, p. 287) é: “os microcomputadores estão aí para auxiliar o aluno e o professor, e seu papel na aprendizagem da leitura em particular será muito importante”. De acordo com Moraes (1996, p. 292) “A colaboração entre psicólogos, professores, reeducadores e especialistas em informática é indispensável para elaborar instrumentos adequados às capacidades de aprendizagem, motivadores e de fácil utilização”.

Assim, o profissional da informação precisa se atentar sobre as inovações. Isso contribuirá com o desenvolvimento de seus serviços no ambiente escolar. A internet vem sendo o que a televisão foi décadas atrás, pelo menos, para alguns estudiosos como Souza (1998, p. 19), que a define como um meio de comunicação mais envolvente que a biblioteca. Mas cumpre lembrar que, tanto a televisão como a internet podem ser grandes parceiras no processo de formação de leitores. A primeira poderá contribuir no marketing do livro e da biblioteca, e a segunda poderá auxiliar o profissional da informação no processo de comunicação com o público escolar.

Mesmo assim, será que os meios de comunicação e as inovações atrapalharão, ou não, o interesse pelo livro? Será que a ausência dos livros em papel pode afetar o interesse pela leitura e a profissão do bibliotecário? Acontece que o interesse pela informação fica mais fortalecido, pois a tecnologia propicia alternativas ao consumidor. O relacionamento no campo de atuação é melhorado, pois essas novidades surgem para otimizar a interação com as pessoas no ambiente pessoal e profissional.

Sobre isso, Silva (1993, p. 73) fala que “a descoberta de novas funções [...] ainda serve para aproximar os bibliotecários dos professores através de diálogos mais frequentes, geradores de propostas conjuntas”. E isso pode ser uma verdade. Ao utilizar a internet o educador poderá receber semanalmente a lista das novas aquisições da biblioteca, e o bibliotecário receberá do professor sugestões de compras de um determinado livro que complementará o currículo escolar.

A parceria do bibliotecário com os professores é fundamental no processo de ensino-aprendizagem. Alguns educadores não sabem orientar os alunos sobre a representatividade da biblioteca, refletindo a falta de entrosamento entre dois profissionais, o professor e o bibliotecário. Ambos precisam adotar iniciativas nesse processo. O ideal seria o educador informar com antecedência a ida dos seus alunos à unidade de informação para terminar um trabalho aplicado em sala, e o bibliotecário, já ciente, adiantar a escolha dos livros, para que o estudante tire mais proveito da pesquisa, uma vez que o material a ser utilizado já se encontra disponível para consulta.

Adiantar-se no processo de separação das bibliografias que o aluno utilizará é uma tarefa muito importante tanto que Grogan (2001, p. 153) diz que “a localização da informação talvez seja a fase mais importante de todo o processo de busca [...] O bibliotecário está tão envolvido com a resposta quanto com a descoberta da resposta”. Para isso é importante que os livros estejam bem organizados nas estantes.

Tal atitude de ambos profissionais – de incentivar e facilitar o uso da informação existente no acervo da biblioteca - põe em atividade a quarta lei da Biblioteconomia elaborada por Ranganathan que diz “poupe o tempo do leitor”. Sem essa parceria, o processo de incentivo à leitura fica prejudicado, como mostra Silva (1993, p. 67-68):

Os professores determinam a frequência às bibliotecas a todo o custo, ainda que essa frequência – a trancos e barrancos – possa agir em sentido contrário, ou seja, criando o desamor aos livros e o desgosto pela leitura. [...] os bibliotecários guardam um grande rancor dos professores. Esse rancor é fruto do descompromisso e, muitas vezes, da irresponsabilidade dos professores no encaminhamento de alunos às bibliotecas, quando não do próprio desconhecimento dos professores sobre o que existe em termos de acervos e de serviços nas bibliotecas.

Se a colaboração mútua entre bibliotecário e professores inexistir, a situação da leitura se enfraquecerá. As divergências e falta de comunicação entre dois profissionais importantes no âmbito escolar são prejudiciais na formação de novos cidadãos. Silva (1993, p. 70) dá a entender isso ao dizer que “nesse vai-e-vem de culpas e mágoas, enquanto professores e bibliotecários não se acertam ao nível de diálogo e da discussão crítica de suas carências, a situação da leitura no Brasil permanece sendo a mesma, isto é, marginalizadora e discriminatória”. Em síntese, aumentará o índice de educandos que não gostam de ler, não lêem, e não percebem que com isso, deixam de conhecer seus direitos e deveres.

Se o bibliotecário interagir com os professores e alunos da escola, melhorará sua visibilidade como profissional da informação. Uma atividade que despertará interesse dos estudantes é a formação do acervo.

O acervo é o ponto atrativo da biblioteca, pois de acordo com Garcez (2007, p. 32), “serve para cativar e estimular, nos usuários, o interesse pela sua utilização. Por essa razão é necessária a sua diversificação”. Para isso, o bibliotecário consultará livrarias, catálogos de editoras e, principalmente, descobrirá por meio de um estudo na comunidade escolar, o perfil do usuário freqüentador, sendo ele aluno ou professor.

Caldin (2002, p. 31) diz que se os bibliotecários montarem um acervo atraente e diversificado, maiores serão as possibilidades de formação de novos e bons leitores. E, ainda, segundo Caldin (2003, p. 54) o bibliotecário pode “realizar uma seleção que propicie à criança textos de qualidade, que seduzam para o exercício da reflexão, textos questionadores”. Isso poderá seduzir os alunos à biblioteca da escola.

Silva (1991, p. 11) lembra que “os serviços bibliotecários não podem ser reduzidos a tomar, tirar, e pôr livros na prateleira e nem simplesmente controlar a data de entrega dos livros emprestados”. Isso implica dizer: o bibliotecário, consciente de sua função social de mediador da leitura, se preocupará em organizar o acervo, disponibilizá-lo à comunidade e, com empenho, promover práticas leitoras.

O bibliotecário atuante numa unidade de informação inserida num espaço educacional precisa estudar e conhecer o gosto de professores e alunos pela leitura.

Esse profissional se encaixa como um motivador que une leitor e texto escrito. Conhecer o leitor frequentador é um aspecto essencial da existência de uma unidade de informação. Com base nisso, Grogan (2001, p. 163) diz: “o fornecedor de serviço precisa conhecer seus clientes. Isso implicará não só descobrir seus gostos e sua atitude intelectual [...], mas também seu modo normal de compreensão”. Dá a entender que esse autor, admite não ser uma tarefa fácil tratar da existência dos diversos perfis de usuários.

O sucesso numa profissão depende do crescimento da organização adquirido quando o cliente sente-se satisfeito com os produtos e serviços prestados pelos profissionais que ali atuam. No dia-a-dia do bibliotecário escolar não é diferente. As atividades, até mesmo, as mais simples, são notadas pelos estudantes e são de enorme valor para incentivar a leitura em casa e na escola.

Outro importante campo de atuação do bibliotecário é na aplicação da Biblioterapia, ou seja, a terapia por meio de livros. Caldin (2010, p. 65) diz o seguinte sobre essa participação do bibliotecário nas atividades biblioterapêuticas: “Se a leitura for coletiva, isto é, se houver um mediador da leitura, um bibliotecário, por exemplo, tal mediador agirá como um cuidador, ou, em outras palavras, se preocupará com o cuidar do ser”. Tal função de

mediação de leitura com propósitos terapêuticos reforça a ideia, já apresentada, dos benefícios da leitura.

Assim, é essencial a presença atuante do bibliotecário na escola, que na visão de Hillesheim e Fachin (2004, p. 38), tem como prioridade “criar e desenvolver programas de incentivo à leitura, participar do planejamento escolar e inserir-se como participante ativo de todas as atividades da escola”. Essa ideia é reforçada por Caldin (2005, p.167) que conclui “a essência do papel do bibliotecário é fazer a biblioteca escolar um centro promotor da leitura”.

Além dos serviços prestados, cabe ao bibliotecário apresentar ao público uma postura de cordialidade. Segundo Becker e Grosh (2008, p. 42) “o perfil do bibliotecário, neste primeiro contato, é imprescindível, e deve contar com uma boa comunicação com os estudantes, ser agradável, criativo, responsável, e principalmente saber compreender as crianças e saber conquistá-las”. Essa postura promoverá boa imagem desse profissional e sua presença será bem vista pelos estudantes. Salgado e Becker (1998, p. 9), durante a aplicação de sua metodologia para medir a percepção de alunos do primário em relação a esse profissional, comprovaram que os alunos frequentam com mais entusiasmo a biblioteca quando “o bibliotecário é considerado uma pessoa amigável, ou seja, com boa capacidade de diálogo e predisposto a auxiliar o aluno em suas necessidades informacionais”.

Salgado e Becker (1998, p. 12, 13), concluíram ainda sobre esse estudo que “os estabelecimentos de ensino, o comportamento amigável: de simpatia e cordialidade do bibliotecário possuem índices significativos de representação”, o que equivale uma postura, de maior interação com o usuário, observada por esse autor que o “bibliotecário deve sair detrás do balcão e procurar maior interação com seu público”, com isso eliminando a “imagem de profissional emburrado, desmotivado e apático” adquirindo assim maior reconhecimento e credibilidade.

Isso induz a reflexões acerca das atitudes pessoais e profissionais do bibliotecário: estará ele agindo de forma agradável, sendo organizado e prestativo, estimulando a leitura?

4 SUGESTÕES PARA O BIBLIOTECÁRIO ESCOLAR OTIMIZAR A MEDIAÇÃO DA LEITURA

A primeira sugestão para biblioteca da escola é estar de portas abertas. Pode parecer irônico, mas no horário que não há aula essa unidade de informação não poderá estar inacessível. Pois como os alunos terão acesso aos livros, e como os devolverão? É preciso que a biblioteca esteja acessível, não somente nos intervalos de recreio, como também antes do início da primeira aula e após o término da última aula.

Algumas atitudes podem ser tomadas para que a biblioteca escolar tenha o retorno contínuo dos usuários. A unidade de informação implantará em local visível, um mural ou expositor, que demonstrará os livros mais recentes, como também, o jornal do dia, e ainda as futuras aquisições e datas de eventos a serem realizados pela escola. A biblioteca será esse ponto de encontro onde o público escolar saberá das novidades. Propostas similares a essa que são defendidas por Perroti e Verдини (apud ROMÃO, 2008, p. 28-29).

Outras iniciativas podem ser criadas para atrair crianças à biblioteca. De acordo com Becker e Grosh (2008, p. 43) a comemoração da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, concursos de textos, teatro, dança, música, literatura, exposições, oficinas são algumas sugestões. Algumas bibliotecas escolares realizam atividades mescladas ao teatro, que é uma maneira de inovar e transmitir de forma mais prazerosa a leitura aos jovens. Tais atividades transformam a biblioteca numa instituição sócio-cultural. Entretanto, Fleck e Pereira (2007, p. 299), lembram: “os bibliotecários escolares realizam uma grande variedade de atividades que consideram incentivar a leitura, mas a principal é a contação/leitura de histórias”. Essa atividade cativará as crianças e poderá atraí-las para o mundo da leitura.

Sugere-se a criação de dois espaços dentro da unidade de informação. O primeiro, destinado à leitura em grupos de alunos que poderão debater suas idéias. O segundo, destinado à leitura silenciosa. No caso da escola que não tenha um laboratório de informática, sugere-se a criação de um terceiro espaço que disponibilizará o acesso a internet e a alguns softwares que auxiliarão os estudantes na execução de trabalhos de aula. Apresentar a tecnologia a serviço da biblioteca e da comunidade escolar, é o que defende Morais (1996). Para isso acontecer, é necessário que a unidade de informação já esteja inclusa no projeto de construção da escola, senão, será adaptada em salas de aulas que mal tem espaço para armazenar os livros, quanto mais para acomodar um laboratório de informática.

A formação de acervo, com características atraentes e necessárias ao aluno é um ponto fortíssimo no processo de surgimento de novos leitores, e foi defendida por muitos autores, entre eles Garcez (2007). Tal atividade cria condições para que a coleção seja utilizada. Conhecer o gosto de leitura dos estudantes e professores é essencial, e ter conhecimento dos planos de ensino das disciplinas é mais ainda. É recomendável o bibliotecário estar ciente dos lançamentos literários, e aceitar as sugestões de livros propostos pela comunidade escolar. Ter obras para suprir a necessidade dos alunos é primordial.

É importante que os alunos, meses antes de concluírem o ensino médio, tenham disponíveis na biblioteca da escola os livros e conteúdos indicados pelos concursos vestibulares. A diversidade em outros assuntos também pode ser oferecida, o que é defendido por Garcez (2007).

Mesmo sem os recursos, cabem aos profissionais da informação tomar algumas atitudes que poderão atrair os estudantes à biblioteca. Concursos de melhor redação, um horário para contação de histórias e exposição das novas aquisições literárias, são algumas das iniciativas.

5 REFLEXÕES ACERCA DA BIBLIOTECA ESCOLAR

Refletindo sobre todas essas sugestões, o horário de atendimento ao público causará opiniões contrárias. Para isso, torna-se imprescindível a presença de dois, ou mais profissionais da Biblioteconomia para completarem essa carga horária.

A interação com a comunidade escolar, principalmente com os professores, é importante. Esses últimos são os principais incentivadores dos alunos a procurarem a unidade de informação. Como disseram Hillesheim e Fachin (2004, p. 37), a biblioteca será a ligação entre professor e bibliotecário. São os professores que mostrarão aos estudantes a real necessidade de procurarem a biblioteca para concluir uma atividade aplicada em sala de aula.

O bibliotecário, ciente do currículo escolar e das práticas do professor, se antecipará na separação dos livros aos alunos. É desse apoio que precisam os estudantes, e que tanto é abordado por Garcez e Chagas (apud ROMÃO2008, p. 105). A parceria com o educador proporcionará isso, amenizando a imagem traumatizante, principalmente da biblioteca escolar. Um dos primeiros contatos do aluno com essa instituição é, em muitas situações, um local de aplicação de imposições e castigos. Dessa forma, isso é um acontecimento negativo tanto para o aluno, sujeito a gozações, como para o bibliotecário que é taxado como emburrado sempre pedindo silêncio em seu ambiente de trabalho. A biblioteca pode ser diferente disso e muito mais.

O papel do bibliotecário não se resume apenas à atividade de guardar livros. A formação de acervo é pouco desenvolvida por esse profissional que, em alguns casos, fica limitado aos diretores, à política da instituição, e ainda aos poucos recursos transferidos à comunidade escolar, em se tratando de órgãos públicos. O que se vê nas prateleiras são livros desatualizados e com baixa diversidade de gêneros literários, o que é lamentável, e proporciona o desinteresse ao acervo, e pois, assim, a biblioteca será vista como uma instituição que promove o confinamento cultural, como diz Perroti (1990). O efeito disso é um grande desleixo no processo de incentivo à arte de ler. Esse obstáculo, de acordo com Silva (1993, p. 27), é consequência “do empobrecimento da estimulação sócio cultural para leitura, ou seja, à redução do leque de títulos a ser oferecido aos leitores na escola e na biblioteca”. As pessoas querem novas literaturas e descobrir coisas novas que as deixarão atualizadas.

Segundo Garcez (2007, p. 36), “a biblioteca da escola, ao oferecer aos usuários acesso a uma coleção formada por bons livros, cria condições para que a coleção seja consumida”. Caso contrário, constará nas prateleiras livros antigos, com pouca diversidade de gêneros literários proporcionando o desinteresse do usuário, e taxando a unidade de informação como um museu de obras pouco utilizadas.

Para que algumas das sugestões sejam transformadas em realidade é preciso que recursos sejam destinados à escola e às instituições inseridas em sua estrutura. Pois os educadores de modo geral, enfrentam inúmeras dificuldades nesse sentido. Não bastará somente a vontade e a criatividade do professor, do bibliotecário e dos demais profissionais ali atuantes.

O que se vê em muitos casos, principalmente nas escolas, é que não há estrutura para manter a biblioteca. Em se tratando de órgãos públicos poucos recursos são revertidos ao setor educacional. Com isso, essa unidade de informação fica adaptada, conforme declararam Salgado e Becker (1998), numa simples sala de aula, com estantes inadequadas sortidas de livros velhos, e que ainda são dirigidas por profissionais que não possuem a formação em Biblioteconomia.

Em se tratando de escola pública, é preciso consciência por parte dos diretores dos centros educacionais, secretarias da educação e governantes públicos. Como a biblioteca terá a boa imagem, que foi descoberta por Salgado e Becker (1998), se não tem disponível um exemplar diário de um jornal popular? Ir numa Biblioteca, e não encontrar o jornal do dia é lamentável, e mesmo que esse tipo de leitura não agrade o gosto dos alunos, poderá ser de gosto do corpo docente da escola. Fica claro que a biblioteca não atende apenas os estudantes, e sim todos os integrantes da escola e deve atender também a comunidade. Nesse sentido, essa unidade de informação não trabalha apenas no processo de formação de novos leitores como também na manutenção contínua dos leitores já formados.

A interação entre professores e bibliotecários somada à estrutura física adequada, recursos públicos e idéias inovadoras, poderá definir a biblioteca escolar como importante unidade de informação que fortalecerá a cidadania. Em muitas situações, será ela que transmitirá aos jovens estudantes o conhecimento de seus direitos e deveres.

6 CONCLUSÃO

Na revisão de literatura foi comprovado que a leitura e a escrita possuem grande associação, e que uma depende da outra. Desde cedo o homem teve uma necessidade de informar e de ser informado para sobreviver.

A leitura é essencial na vida das pessoas, para a formação pessoal e profissional, sendo assim, indispensável nas atividades cotidianas, escolares e profissionais. Bom exemplo disso são os textos escritos, que substituem a informação falada, que servem de orientação no dia a dia, e que podem ser encontrados nos terminais de ônibus, aeroportos, restaurantes e outros estabelecimentos. Além disso, a arte de ler produz o conhecimento, elemento vital para formação pessoal e profissional do ser humano na sociedade. O acesso à informação pode transmitir os direitos e deveres, e ainda criar um senso de espírito crítico.

Nesse trabalho enfocou-se a leitura na escola mas se abordou também o papel da família em estimular a leitura. Por isso apontou-se a importância da família em incentivar as crianças para o mundo dos livros. Por outro lado, notou-se que nem sempre isso ocorre, e muitas pessoas estão desinteressadas pela arte de ler em decorrência de diversos fatores. São eles: diferenças sociais; pouca influência dos pais; os altos preços dos livros; falta de estímulo da escola; ausência de lugares adequados para prática da leitura; poucos profissionais capacitados e atualizados em unidades de informação; pouca interação entre escola, educadores e biblioteca.

É visível que as diferenças sociais prejudicam em muito a inclusão de cidadãos em determinados espaços, tidos como exclusivos da classe culta. A renda familiar de grande parte da população interfere na compra de livros, no acesso a internet. Essa desigualdade financeira no nosso país interferindo na capacidade de leitura, vem resultando no crescimento do analfabetismo que proporciona o surgimento de um povo sem cidadania e sem responsabilidade social, o que foi insinuado polemicamente por Silva (1993) como um fenômeno planejado pelos governantes. Lamentavelmente, esses são fatores que fazem muitas pessoas, interessadas na informação, a procurarem uma biblioteca, que passa ter uma grande responsabilidade.

O surgimento da televisão e da internet dividem opiniões de alguns estudiosos sobre a interferência desses meios de comunicação na formação de leitores. A verdade é que a televisão até contribui no marketing do livro e a internet também, além dessa última disponibilizar downloads de algumas obras e até auxiliando o bibliotecário na formação de

acervo. Esses serviços interferem pouco na compra de livros e o processo de incentivo à leitura não é afetado, pois disponibiliza uma enorme variedade de informação rápida, e faz surgir um novo perfil de leitor, aquele que lê em frente ao computador.

Sobre a importância das escolas no processo de ensino e aprendizagem da leitura, é que ela, depois da família, proporcionará um dos primeiros contatos da criança com uma biblioteca e com o ato de ler. A escola segundo Hillesheim e Fachin (2004), é o elo entre aluno e leitura, e em parceria com a biblioteca pode contribuir muito no processo de ensino e aprendizagem.

O estudo do aluno não pode ficar restrito ao currículo escolar e ao conhecimento transmitido pelo professor na sala de aula. Empurrar toda a responsabilidade ao professor é uma enorme injustiça, e por isso ela tem que ser dividida com outros profissionais. É na escola, que o professor despertará o aluno para a pesquisa bibliográfica a ser realizada na biblioteca escolar.

O professor, ciente das novas aquisições da biblioteca escolar, precisará do auxílio do bibliotecário da escola. Tem que haver diálogo entre esses dois profissionais, tanto na aquisição quanto na disponibilização do material didático e de entretenimento.

Para a biblioteca escolar ser bem vista e frequentada, é necessário ter serviços de qualidade, e nisso se inclui desde a limpeza e organização até a fácil localização de seus livros. É imprescindível a criação de novos espaços, entre eles, um destinado a leitura em grupo. Foi sugerido também, para escolas que não portam um laboratório de informática, um espaço para o usuário acessar a internet. Não basta apenas possuir livros nas prateleiras, é preciso ser modernizar com a tecnologia e novos métodos de trabalho para atender os novos perfis de usuários. Em síntese, a biblioteca será sempre, como redigiu Ranganathan, uma organização em constante crescimento.

O mais interessante disso tudo é que a pessoa acostumada a ler, fora do ambiente escolar, procurará a leitura. O que acontece é que esse leitor, em muitos casos, fica sem acesso à informação em virtude de sua pouca renda familiar e dos altos preços dos livros. A biblioteca estará próxima inserida na escola proporcionando esse elo entre leitor de família de baixa renda e o livro procurado por ele. Em síntese, será o lugar de fácil acesso à informação sem custos, e com um espaço democrático que receberá seu público, com um atendimento de qualidade e participativo em se tratando de um ambiente escolar. Para isso é necessário que tenha bons profissionais, nesse caso o bibliotecário, que transformará a biblioteca num espaço bem visto pela comunidade escolar, com qualidade de serviços que disponibiliza o livro desejado e incentiva o exercício da leitura.

Foi apresentado nesse trabalho que muitas outras atividades podem ser realizadas para atrair os estudantes, entre elas: exposições das novas aquisições de obras, comemoração da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, concursos de textos e contação de histórias. Todas essas iniciativas e outras inovações para transmitir de forma mais prazerosa a leitura aos alunos e ainda aumentar a frequência à unidade de informação.

Essa função do formador de acervo tem que ser assumida pelo bibliotecário. Esse profissional consultará livrarias, catálogos de editoras e, principalmente, descobrirá por meio de um estudo, o perfil do usuário frequentador, que se tratando da escola, será o leitor-aluno. Isso contribuirá para formação de uma coleção de livros de interesse da comunidade escolar, pois, o acervo é o ponto atrativo da biblioteca, além das outras atividades inovadoras que foram citadas.

O horário de atendimento da unidade de informação não poderá competir com o horário de aula. Dessa forma, a presença de apenas um bibliotecário não é suficiente para o bom funcionamento, atendimento e prestação de serviços da biblioteca. Com a contratação de novos profissionais a unidade de informação estará acessível aos usuários. Com isso, sobrá mais tempo para os bibliotecários manterem contatos com editoras, se aperfeiçoar por meio de cursos de capacitação, e executarem seus projetos e atividades de incentivo a leitura.

Concluindo, há muito que otimizar em práticas de incentivo a leitura, no processo de formação de novos leitores e manutenção de leitores já formados, principalmente, no ambiente escolar, um dos principais campos de atuação do profissional bibliotecário.

REFERÊNCIAS

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada as ciências sociais**. 5. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 340 p.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSH, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-44, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BRASIL. Lei 4084, de 30 de Junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília, jun. 1962. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Legislacao/Lei4084-30junho1962.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2011.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função pedagógica: o literário na escola. **R. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p.20-33, 2002. Disponível em: <<http://revista.acb.org.br/index.php/racb/article/view/371>>. Acesso em: 19 mar. 2011.

_____. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010a. 199 p.

_____. **Leitura e Literatura infanto-juvenil**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010b.

_____. Reflexões acerca do papel do bibliotecário de biblioteca escolar. **R. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p.163-168, 2005. Disponível em: <<http://revista.acb.org.br/index.php/racb/article/view/431>>. Acesso em: 19 mar. 2011.

_____. A função social da leitura da literatura infantil. **Enc. Bibli: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 15, p. 47-58, 2003. Semestral. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/100/5235>>. Acesso em 21 mai. 2011.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. 279 p.

CAMPELLO, Bernadete Santos. Perspectivas de letramento informação no Brasil: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico. **Enc. Bibli:** Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 15, n. 29, p.184-208, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/10470>>. Acesso em: 19 mar. 2011

CAMPOS, Maria Luiza Almeida. **As cinco leis da Biblioteconomia e o exercício profissional**. Rio de Janeiro, 1999. 10 p. Disponível em <<http://www.conexaorio.com/bitl/mluiza/index.gtm>>. Acesso em: 2 nov. 2006

CASHDAN, Sheldon. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Tradução de Maurette Brandt. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **A História do Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. 232 p. (Múltiplas escritas).

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução CFB nº 42 de 11 de janeiro de 2002. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/legislacao/resolucoes/Resolucao%20042-02.asp>>. Acesso em: 10 set. 2007 – 14:32:53.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. As melhores possibilidades da leitura na escola. **Perspectiva**. Florianópolis. v. 17, n. 31, p. 92, jan/jun. 1999. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10734>>. Acesso em 21 mai. 2011.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da sedução**: os romances de M. Delly. Belo Horizonte: Autentica, 1999. 149 p.

CUNHA, Miriam Vieira. O papel social do bibliotecário. **Enc. Bibli:** Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 15, p. 41-46, 2003. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/99/5234>>. Acesso em: 21 mai. 2011.

FADIMAN, Anne. **Ex-Libris**: confissões de uma leitora comum. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 126 p.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A escola e o ensino da leitura. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 39-49. jan./jun. 2002. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a05.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2008.

FLECK, Felicia; PEREIRA, Magda Chagas. O bibliotecário escolar de Florianópolis e sua relação com a leitura. **R. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p.286-302, 2007. Disponível em: <<http://www.revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/viewArticle/509>> Acesso em: 21 mai. 2011.

GARCEZ, Eliane Fioravante. O bibliotecário nas escolas: Uma necessidade. **R. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p.27-41, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993. 159 p.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos, 2001. 196 p.

HILLESHEIN, Araci Isaltina Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Biblioteca escolar e a leitura. **R. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 9, p.35-45, 2004. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/index.php/racb/article/view/404>>. Acesso em 19 mar. 2011.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa: Linguagem e método**. Rio de Janeiro: Fgv, 2007. 139 p. (Coleção FGV Prática).

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 1989. 82 p.

IKEDA, Daisaku. **Proposta educacional: Algumas considerações sobre a educação no século XXI**. São Paulo: Brasil Seiko, 2006. 96 p.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985. 60 p. (121).

LER é sinônimo de alegria, magia e encanto: boa opção aos apaixonados da leitura. Brasil Seiko, São Paulo, p. b8. 08 maio 2010.

LINDOSO, Felipe. **O Brasil pode ser um país de leitores?: política para cultura/política para o livro**. São Paulo: Summus, 2004.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Schwarcz, 2006. 301 p.

MARTINS, Eduardo. **Com todas as letras**: português simplificado. São Paulo: Oesp, 1999. 151 p.

MÉLLO, Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. As contribuições de Cecília Meireles para a leitura e a literatura infantil. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 4-21, 2008.

MELLO, José Barbosa. **Síntese da história do livro**. 2. ed. São Paulo: Ibrasa: Brasília: 1979. 334 p.

MELLO, Kátia. Ele largou a Microsoft para ajudar os pobres. **Época**. São Paulo, n. 478, p. 121, 16 jul. 2007.

MORAIS, José. **A arte de ler**. São Paulo: Unes, 1996. 317 p.

NÓBREGA, N. G. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: YUNES, E (Org). **Pensar a leitura**: complexidades. Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p. 120-135.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 3. ed. Campinas: Cortez Editora, 1996. 118 p. (Passando a limpo).

ORTEGA Y GASSET, Jose. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2006. 82 p.

PANDO, Daniel Abraão. O bibliotecário como profissional da informação. In: _____. **Formação e demanda profissional em tratamento temático da informação**: uma análise comparativa de conteúdos programáticos universitários e de concursos públicos em Biblioteconomia. 2005. 195f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, UNESP, Marília, 2005. cap. 1, f. 9 - 44.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990. 111p.

PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1991. 60 p.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília (DF): Briquet de Lemos / Livros, 2009. 336 p.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa (Org.). **Sentidos da biblioteca escolar**. São Carlos: Compacta, 2008. 165 p.

ROSA, Flavia Goulart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 3, p.183-193, 2006. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a17.pdf>>. Acesso em: 21 mai. 2011.

SALGADO, Denise Mancera; BECKER, Patricia. O bibliotecário no olhar do público escolar. **Enc. Bibli:** Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 3, n. 6, p.1-15, 1998. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/18>>. Acesso em: 19 mar. 2011.

SILVA, Edna Lucia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. 138 p.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991. 104 p

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. 4. ed. Campinas: Papirus, 1993. 115 p.

SOUZA, Maria Salete Daros de. **A conquista do jovem leitor:** uma proposta alternativa. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 1998. 114 p.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi Dos; WAGNER, Tânia Maria Cemin. Leitura do texto literário: prazer e aquisição de conhecimentos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, p.387-401, dez. 2007. Disponível em:< <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1816>>. Acesso em: 21 mai. 2011

ENCHÁ a estante. **Veja:** especial, São Paulo, n. 19, p. 90-91, 1998.